

O Conhecimento em História da Música e sua aplicação na Musicoterapia: encontros e desencontros

Marina Freire¹

Raul Passos²

RESUMO

O trabalho questiona o distanciamento entre o conhecimento estritamente musical e o da Musicoterapia, analisa os elementos comuns às duas áreas e propõe uma maneira de integração desses hemisférios de conhecimento. Foi utilizada a revisão bibliográfica partindo de ambas as áreas, seguida de análise interdisciplinar, com o objetivo de enriquecer e aprimorar a prática musicoterapêutica com elementos do pensamento em Música, devido à escassez de trabalhos que os interligam. Para isso aborda a música sob os aspectos de sua evolução histórica e o de sua existência enquanto manifestação criativa. Em quaisquer aspectos o aprofundamento no estudo da música contribui para o musicoterapeuta na compreensão do cliente como indivíduo inserido no contexto cultural e em processo de individuação e lhe proporciona maior consciência no processo musicoterapêutico.

PALAVRAS-CHAVE:

História da música, Musicoterapia, interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article questions the detachment among the strictly musical knowledge and that one of Music Therapy, analyzes the common elements to both areas and

¹ Marina Freire é graduada em Musicoterapia pela Universidade de Ribeirão Preto (SP), especialista em Psicodrama e trabalha como musicista e musicoterapeuta com crianças de 0 a 14 anos em escolas públicas e consultório particular em Belo Horizonte (MG) – E-mail: marinahf.mt@gmail.com

² Raul Passos é músico de carreira, bacharel em Composição e Regência, mestrando em interpretação pianística pela Universidade Nacional de Música de Bucareste (Romênia), pesquisador da URCI - Universidade Rosacruz Internacional no corpo de Música e coordena projetos culturais – E-mail: raulpassos.maestro@gmail.com

proposes a way to integrate these hemispheres of knowledge. Bibliographic revision was applied starting from both areas and it was followed by interdisciplinary analysis with the sake of improving and upgrading the practice of Music Therapy with elements of Music thoughts, owing to the scarcity of works in this genre linking these domains. Thereunto, it broaches Music under the aspects of its historical evolution and of its existence while creative manifestation. In any aspects, the deepening on the studies of Music contributes to the music therapist at his comprehension of the client as an individual inserted in the cultural context and in a process of individuation and provides him more conscience in the music therapist process.

KEY WORDS:

Music History, Music Therapy, Interdisciplinary

INTRODUÇÃO

Há atualmente na Musicoterapia brasileira um déficit em relação à formação musical dos musicoterapeutas e ao desenvolvimento dos conhecimentos em música, sejam eles teóricos ou práticos. Este fato pode ser evidenciado nos debates e explanações em Congressos e Fóruns, aonde o assunto vem surgindo consideravelmente. Enquanto isso, nos estudos disciplinares da Música falta aprofundamento no que concerne ao uso terapêutico de seus elementos. Não é necessário dizer que essas duas áreas do conhecimento guardam estrita relação, uma vez que a Musicoterapia depende da música para acontecer, tendo nela a sua matéria-prima básica, e, de certo modo, a terapêutica musical está presente indiretamente na própria relação do ser humano com a música. Entretanto, o que se encontra é a escassez de trabalhos teóricos que apresentem essa interligação.

O objetivo do presente trabalho é apresentar e analisar a vinculação entre a Musicoterapia e uma área específica dentro da música e da musicologia, que é a História da Música, e, com isso, levantar discussões a cerca da importância do estudo mais aprofundado do tema entre os musicoterapeutas e propor a integração mais efetiva entre ambos os domínios

acadêmicos. Pretende-se também questionar se é possível haver eventuais contribuições da Musicoterapia para essa área.

Para atingir os objetivos pretendidos, foi usada a revisão bibliográfica, através do método de documentação indireta, com referencial teórico interdisciplinar. Desse modo, serão apresentados os conhecimentos fundamentais de cada uma das áreas aqui estudadas, e em seguida será proposta a inter-relação de ambas, analisando os pontos em comum e expondo os encontros e desencontros.

INTERDISCIPLINARIDADE

Uma vez que o presente trabalho traz uma abordagem interdisciplinar, antes de discorrer sobre a pesquisa propriamente dita, faz-se necessária uma pequena análise sobre a interdisciplinaridade, a fim de aprofundar nesse tema e esclarecer de que maneira o entendemos e nos referiremos a ele.

O termo em discussão é definido pelo dicionário Novo Aurélio como “comum a duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento” (Ferreira, 1988) e pelo Houaiss como “que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas”.

Ambas as definições são aplicáveis e justificam o trabalho, pois os dois ramos do conhecimento em pauta têm em comum a música. Entretanto, pode-se aprofundar ainda mais no assunto através da confrontação entre os termos multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

O mundo acadêmico é o mundo das disciplinas. Elas se aproximam e se afastam e são associadas em diferentes graus, que caminham à complexidade cada vez mais palpável do pensamento e dos conhecimentos (Chaves, 1998).

A multi ou pluridisciplinaridade³ designa “o estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo” (Nicolescu, 1999). O objeto de estudo é aprofundado e enriquecido em suas concepções pelo cruzamento das outras disciplinas, porém, tais ganhos são usados apenas para a disciplina original (Ibid). Além disso, não há aprofundamento nas

³ Alguns autores diferenciam multidisciplinaridade de pluridisciplinaridade; entretanto, já que nosso objetivo não é estender neste assunto, devido ao foco do trabalho, tratamos os dois termos como sinônimos, conforme apresentado por Nicolescu (1999).

articulações que podem ser estabelecidas através deste cruzamento, havendo apenas objetivos múltiplos entre as disciplinas (Iribarry, 2003). A multidisciplinaridade é uma justaposição de disciplinas (Chagas, 2008), ainda que estas guardem objetivos em comum e acrescentem alguns valores ao objeto estudado.

Segundo Piaget, multidisciplinaridade é quando “a solução de um problema torna necessário obter informação de duas ou mais ciências ou setores do conhecimento sem que as disciplinas envolvidas no processo sejam elas mesmas modificadas ou enriquecidas”. (apud Chaves, 1998)

A interdisciplinaridade, segundo Nicolescu (1999), assim como a multidisciplinaridade, ultrapassa as disciplinas, mas vai além (o autor diz que “tem uma ambição diferente”) ao permitir a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Contribui para o objeto de estudo em três aspectos: no seu grau de aplicação (aplicabilidade de uma disciplina para o estudo da outra), na epistemologia – como é o caso da função epistemológica da História para a Música – e na geração de novas disciplinas (Ibid.) – este último tem como prova o surgimento da Musicoterapia (Chagas, 2008). Assim, percebe-se que o objeto é levado a um novo campo, mas ainda permanece ligado a suas características essenciais (Nicolescu, 1999).

Segundo Piaget, interdisciplinaridade é “o nível em que a interação entre várias disciplinas ou setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações reais, a uma certa reciprocidade no intercâmbio levando a um enriquecimento mútuo”. (apud Chaves, 1998)

Conforme esclarece Chagas (2008), essa interação disciplinar exigida pela interdisciplinaridade leva a modificações nos métodos, conceitos e estruturas das disciplinas envolvidas, trazendo complementaridade e desenvolvimento para a todas elas, e, conseqüentemente, para a ciência e para o próprio pensamento humano.

Enquanto a pluri e a interdisciplinaridade têm como finalidade a pesquisa disciplinar, o objetivo da transdisciplinaridade é a compreensão do mundo presente (Nicolescu, 1999). Como indicado pelo prefixo *trans*, a transdisciplinaridade “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (Ibid.) Seu alcance caminha para a unidade do conhecimento, uma unidade

plural (Ibid.). Sendo um tipo de sistema de níveis e objetivos múltiplos com finalidades comuns, nela a descrição geral envolve uma coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas (Iribarry, 2003).

Segundo Piaget, a transdisciplinaridade “constitui não só as interações ou reciprocidade entre projetos especializados de pesquisa, mas a colocação dessas relações dentro de um sistema total, sem quaisquer limites rígidos entre as disciplinas” (apud Chaves, 1998).

Chagas (2008) elucida que isto só é plausível aceitando-se a epistemologia da complexidade. Do ponto de vista do pensamento clássico, a transdisciplinaridade não é possível – é inclusive um absurdo – pois não pode haver nada entre, através ou além das disciplinas, uma vez que para a modernidade, cada disciplina tem o campo de sua pertinência como inesgotável. Já para a transdisciplinaridade, o pensamento clássico não é absurdo nem antagônico, mas complementar, embora extremamente restrito em seu campo de aplicação (Nicolescu, 1999; Chagas, 2008). Só a partir do pensamento contemporâneo é que pode-se compreender que “o espaço entre as disciplinas e além delas está cheio, como o vazio quântico está cheio de todas as potencialidades” (Nicolescu, 1999).

Percebe-se assim que existe uma evolução na forma de tratar disciplinarmente os conhecimentos, e interessante é apontar que a força impulsionadora para essa evolução foi e tem sido claramente instigada pela babelização do pensamento humano na modernidade (Nicolescu, 1999; Chagas, 2008). Os autores aqui citados explanam que o contexto do pensamento contemporâneo e do novo paradigma filosófico e científico é que permite a mudança de importância do pensamento multidisciplinar para o interdisciplinar, caminhando para o transdisciplinar, explanação que não caberá ser aprofundada neste trabalho.

A interdisciplinaridade está no meio desse processo de desenvolvimento, proporcionando espaço para se criar e ampliar ideias e conhecimentos. Assim, as consequências trazidas pela interdisciplinaridade são a manutenção, redefinição ou ampliação dos limites das disciplinas, e nunca a agressão a eles ou sua redução, somando progressivamente, sintetizando ou elaborando novos conhecimentos e novas redes (Chagas, 2008).

A soma e a síntese são também os resultados pretendidos neste trabalho, que tem como objeto de estudo disciplinas que já são interdisciplinares por si só – História da Música e Musicoterapia. Entende-se aqui que a interdisciplinaridade constitui o que se tem atualmente de mais concreto, mais próximo e mais passível de ser realizado, a partir do momento em que o mundo percebe que a multidisciplinaridade não satisfaz a complexidade do pensamento do homem. É por isso que o presente trabalho abarca o desafio da pesquisa interdisciplinar, almejando a transdisciplinaridade e visando o crescimento de todas as redes e de todos nós como seres humanos.

“A prática da interdisciplinaridade carrega um incômodo, uma tensão, uma sempre presente lacuna que deixa para trás a segurança do conhecimento disciplinar. O pesquisador interdisciplinar, o cientista que se arroja a pertencer a um campo novo, mesclado, defronta-se com os desafios da Constituição moderna.” (Chagas, 2008)

DISCUSSÃO: ENCONTROS E AFASTAMENTOS

A História da Música é a espinha dorsal do entendimento musicológico. Posto que sempre houve cultura e uma necessidade de estudá-la e compreendê-la sistematicamente, analisando os meandros de seu percurso no tempo e os fenômenos dele decorrentes. Através da abordagem da história da música, busca o homem reconstituir sua própria história social, pois a cultura, nesse caso traduzida na música, retrata sua experiência criativa e seu traçado evolutivo. Sendo, pois, ela um dos principais sustentáculos do entendimento musical, é naturalmente elementar para a melhor compreensão dos segmentos dela derivados.

Sob o prisma da Musicoterapia, o processo de inter-relação do conhecimento ocorreu e ocorre de maneira bem diferente, uma vez que a Musicoterapia já vive na interdisciplinaridade. É Chagas (2008) quem elucida o nascimento desta área a partir da hibridização entre duas disciplinas: a música e a terapia, como o próprio nome já diz. Portanto, a Musicoterapia sempre utilizou da música como uma parte de seu referencial teórico e foram os fundamentos da música, entre outros, que ajudaram a construir o arsenal

disciplinar de competências fundamentais para a Musicoterapia (Bruscia, 2000).

Aliás, interessante é, neste contexto, comentar uma pequena passagem da história da musicoterapia em seu processo de surgimento, durante as décadas de 1940 e 1950. Segundo El-Khoury (2003), em países como Estados Unidos e Inglaterra, a Musicoterapia surgiu das necessidades terapêuticas do pós-guerra, enquanto na América do Sul a mesma surgiu a partir da educação musical especial, tendo aí sua primeira fundamentação teórica.

No que diz respeito à música, em Musicoterapia, [esta](#) sempre foi vista pelos musicoterapeutas em geral como fenômeno cultural (Ruud, 1999 e Barcellos, 1994), que envolve um contexto social e dos os arsenais que a cultura tem arraigados. Seguindo este caminho do estudo da cultura, Barcellos (1994) lembra a noção de Identidade Sonora, tão desenvolvida por Benenzon (1992), que existe nos âmbitos universal e cultural antes do individual. De toda maneira, a História em si e, mais particularmente, a da Música, sendo o registro crítico da evolução individual-criativa e social-comportamental, fornece elementos necessários ao musicoterapeuta para uma mais adequada compreensão da realidade de onde se originaram (e onde continuam se modificando) os comportamentos e processos psíquicos desenvolvidos pelo indivíduo.

Dessa maneira, torna-se válida e importante a inter-relação da Musicoterapia com a História da Música, subsidiando a congruente análise do objeto de estudo de ambos, a música, do ponto de vista histórico e cultural. E é essa análise que resulta nos encontros e desencontros apontados pelo presente trabalho, sendo os desencontros e distanciamentos mais evidentes, ao primeiro olhar, do que os encontros.

Causa estranheza a todos os profissionais da área a aparente “dissociação” entre a musicoterapia e o meio acadêmico da dita música pura. Fato simbólico e que nos deixa perplexos é a ausência total de sequer uma única referência à musicoterapia no *The Oxford Dictionary of Music* em sua última edição (2006), possivelmente o mais respeitado e completo referencial

bibliográfico de consulta da área. Ademais, ainda existe uma espécie de estereótipo e de julgamento errôneo em face da musicoterapia tanto por parte de profissionais da música quanto do público leigo, que comumente associam o termo “musicoterapia” à música propícia ao relaxamento e seus similares.

De toda maneira, segundo o que nos traduz um olhar sobre a história da música naquilo que é consenso na literatura, a função primordial da música, antes mesmo da existência de qualquer sistema teórico ou de notação, era o de expressão. Ora, se a música está organicamente relacionada com sentimentos, estados emocionais e sua expressão, é evidente que está intimamente ligada à terapia, sendo ela mesma enquanto linguagem o veículo da terapia em si. Segundo Moreno (1965), fundador do psicodrama, a criatividade e a espontaneidade são a chave para uma terapia. E seguramente o são também para a manifestação artística. Enquanto manifestação cultural, a música traduz o íntimo não apenas do indivíduo como o da realidade social.

Para Niremborg (2001), a terapia e a arte não se constituem em um simples jogo de palavras, sendo sim todo um esforço para lançar uma nova luz e abrir novos horizontes, baseados na experiência humana. É notório que da união das duas áreas só pode resultar uma ferramenta de grande valia tanto para o engrandecimento dos prismas da arte como para o aperfeiçoamento do ser humano.

A despeito dessa similaridade, constatamos que os dois hemisférios permanecem bastante refratários um ao outro. A falta de um melhor entendimento interdisciplinar, conforme foi abordado anteriormente, evidenciada na vivência acadêmica dos dois domínios, é a prova cabal desse aparte. Conforme corrobora Chagas (2008), o aprofundamento das especialidades das disciplinas engendra o conseqüente tamanho do espaço entre elas, em detrimento das inevitáveis redes de interdisciplinaridade dos pensamentos complexos.

Na obra de Roberts (1996) sobre a obra pianística do compositor Claude Debussy, é possível identificar quase casualmente no prefácio escrito por Wilfrid Mellers uma curiosa observação, que não se aplica somente à música de Debussy mas, num olhar mais amplo e generoso, à música como um todo.

Diz ele que uma melhor compreensão da música do compositor deve resultar inexoravelmente de uma percepção individualizada do som (livre dos cânones do contexto tradicional e formal em que são inseridos). Ele salienta a necessidade de uma precisão (ou rigor) auditivos para uma satisfatória fruição do evento sonoro. Desse pequeno, porém significativo episódio concernente à história da música, podemos deduzir uma importante aplicação desse elo perdido. Salientamos aqui nesse ponto, mais uma vez, a natureza terapêutica do som.

Fica elucidado, portanto, que a possibilidade de aproximação das disciplinas em pauta só começa a se fazer mais nítida à medida que se coloca em estudo não a música em si, mas o ser humano em relação a ela. Ora, quando a Musicoterapia compreende o ser humano como um ser inserido no contexto sócio-cultural, ela se encontra com o estudo da música enquanto processo histórico e enquanto elemento e agente da cultura. Necessário é ressaltar que a cultura é aqui entendida como a estrutura que o indivíduo encontra ao entrar em contato com o mundo, e sua utilização terapêutica pode auxiliar nesse processo de Individuação (BARCELLOS, 1992).

Além disso, o estudo pormenorizado da História da Música, discutido sob o enfoque da manifestação criativa e de meio de expressão, como foi realizado no presente trabalho, nos leva a desenvolver propostas de ações interligadas que propiciem ao musicoterapeuta maior consciência do processo musical no *setting* e, conseqüentemente, do processo musicoterapêutico. Dentro desse contexto podem ser enumerados os seguintes aspectos: a escolha das músicas e/ou compositores a serem ouvidos/executados durante a sessão para atender determinado objetivo terapêutico, levando em conta o histórico individual e cultural do paciente; melhor compreensão dos conteúdos internos expressos por ele durante e após sua própria composição/execução (seja através da improvisação ou re-criação), auxiliando a leitura musicoterápica; e maior clareza em determinar temas terapêuticos a serem explorados, uma vez que o processo musicoterápico estará ele próprio mais claro.

CONCLUSÃO

Fica claro que toda disciplina cresce quando interage com outra (Chagas, 2008). O resultado, pois, apenas soma às áreas de conhecimento em questão. E não dizemos “somar” com a idéia descartiana de que o todo é a soma das partes. Não se trata disto unicamente. Somando, vamos além da própria soma, por estar multiplicando o todo, fazendo novas ligações e novas redes. Não pretendemos esgotar o assunto ou mesmo apontar uma única solução para o já referido distanciamento, porém propor estratégias de ação e dinâmicas de interação entre as duas áreas de conhecimento. Resulta daí que, para a musicoterapia, advirá um melhor entendimento dos mecanismos que regem sua matéria prima, a música, e para a história da arte um capítulo que sedimenta um aspecto tão primordial da música e a cada dia mais importante no seu constante desenvolvimento, posto que a arte e a ciência estão em perpétuo movimento progressivo.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lia Rejane. **Cadernos de Musicoterapia 2**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAGAS, Marly. **Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Instituto Antônio Houaiss. [S.I.]: Objetiva, 2001. Verbete: interdisciplinar.

EL-KHOURI, Roger Naji. **Music Therapy Education and Training: a study of the development of music skills for students within undergraduate music therapy programmes in Brazil**. 2003. 137 f. Dissertação de Mestrado (Master

of Arts) – Anglia Polytechnic University, Cambridge, U.K., 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. Verbetes: interdisciplinar

IRIBARRY Isac Nikos. **Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe**. In: Psicologia Reflexão e Crítica, vol.16 no.3. Porto Alegre: 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722003000300007&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em 05 abr 2010.

MORENO, J. **Psicomúsica e Sociodrama**. Buenos Aires: [s.n.], 1965.

NICOLESCU, Basarab. **Um Novo Tipo De Conhecimento – Transdisciplinaridade**. 1º. Encontro Catalisador do CETRANS – Escola do Futuro – USP. Itatiba, São Paulo: abr 1999. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/conhecimento.pdf>> Acesso em: 05 abr 2010.

NIREMBERG, Jacques. **Musicoterapia**. Revista Academia Nacional de Música, Vol. XII. Rio de Janeiro, 2001.

PIAGET, Jean. **The epistemology of interdisciplinary relationships**. In: op. cit. n.3, p.136-139 apud CHAVES, Mario M.. **Complexidade e transdisciplinaridade: uma abordagem multidimensional do setor saúde**. Rio de Janeiro: [s.n.] 1998. Disponível em: <<http://rho.uesc.br/cpa/artigos/transdisciplinaridade.pdf>> Acesso em: 26 out 2006

ROBERTS, Paul. **Images: the piano music of Claude Debussy**. Portland, Amadeus Press, 1996.